

CONSTRUINDO IDENTIDADES: CATADOR – HERÓI OU SOBREVIVENTE DA PERVERSA FORMA DE CATAÇÃO?

Valéria Pereira Bastos

Doutoranda de Serviço Social pela PUC/RJ e
Assistente Social responsável pelo Programa de Promoção Social
do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho



Aterro de Gramacho: foto de Valéria Pereira Bastos

RESUMO:

O presente texto tem como espaço de reflexões um dos maiores locais de vazamento de resíduos sólidos (lixo) da América Latina, O Aterro Sanitário Metropolitano de Jardim Gramacho¹, localizado no Município de Duque de Caxias, no bairro de Jardim Gramacho numa área de aproximadamente 1,3 milhão de km².

Intenciona-se apontar que, embora os catadores sejam atores centrais desta trama, dividem sua cena com importantes coadjuvantes, provocando por vezes o total contra-avanço nas ações que poderiam tornar o trabalho desenvolvido por eles uma fonte geradora de recursos capazes de transformá-los e de transformar o contexto social de todos os envolvidos.

ABSTRACT

The present text has as space of reflections one of the greatest places of emptying of solid residues (garbage) of Latin America, Metropolitan Sanitary Aterro of Jardim Gramacho, located in the Duque de Caxias city, in the neighborhood of Jardim Gramacho in an area of approximately 1,3 million of km².

It's intended to point that although the collectors are important actors this tram, they divide its scene with other important co-actors, provoking for many times the total decreasing in the actions that could become the work developed for them a generating source of resources capable to transform them and to modify the social context of all the involved ones.

Introdução

O presente texto tem como espaço de reflexões um dos maiores locais de vazamento de resíduos sólidos (lixo) da América Latina, O Aterro Sanitário Metropolitano de Jardim Gramacho¹, localizado no Município de Duque de Caxias, no bairro de Jardim Gramacho numa área de aproximadamente 1,3 milhão de km².

Neste contexto, o bairro de Jardim Gramacho é identificado como aquele que abriga o lixo de boa parte da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, bem como as pessoas que vivem desta atividade, formando um fluxo de trânsito intenso, pois carretas, caminhões e carros particulares de sucateiros circulam diariamente, uns para vazamento do lixo e outros para comercialização do material separado pelos catadores.

Este processo torna o local um centro econômico ativo, pois todos acabam utilizando a atividade de catação de lixo como força produtiva direta e indireta de recursos financeiros, tendo em vista que os sucateiros negociam o material com os catadores, os donos das biroscas vendem seus produtos e os depósitos lucram com o beneficiamento do material, entre outros serviços existentes no bairro.

Catador X Lixo: o falso vínculo e o poder da dominação.

Intenciona-se apontar que, embora os catadores sejam atores centrais desta trama, dividem sua cena com importantes coadjuvantes, provocando por vezes o total contra-avanço nas ações que poderiam tornar o trabalho desenvolvido por eles uma fonte desenvolvedora de recursos capazes de transformá-los e de transformar o contexto social de todos os envolvidos.

Assim, tentando compreender as dimensões desta engrenagem, pretendo buscar respostas que permitam verificar qual é a constituição identitária do catador, que ao longo de décadas se permitiu ficar preso à teia do poder paralelo do sucateiro e dependente do “livre comércio” existente na via principal do Aterro, prejudicando com isto seu reconhecimento

como categoria de trabalhadores, bem como impedindo sua efetiva participação no que diz respeito aos ganhos na cadeia industrial produtiva².

Considerando os fatos, busquei entender qual é o sentimento deles a respeito do trabalho:

Trabalho é, acima de tudo, sinônimo de honra, é o que “dignifica a pessoa”. Trabalho é “tudo na vida”, é o que “dá crédito desenvolve a vida”, é o que permite “esparecê e num jica pensando bestera”, sendo comum se ouvir a seguinte fala entre os catadores: “sinto alegria no trabalho porque ele é o esforço, mas também é conquista” (Juncá, 2000, p.50).

Diante das várias falas, penso que, com este sentimento, a grande maioria dos catadores constrói seu referencial de trabalho sem se dar conta do potencial existente na sua relação direta com a atividade de separação de material. Desta forma, se submete à condição de dependente dos diversos segmentos constituídos na cadeia industrial produtiva, reduzindo seu papel àquele que somente revira o lixo, atrás daquilo que pode ser transformado em moeda para sua sobrevivência.

Refletindo a partir deste comportamento e na tentativa de traçar possibilidades de soluções, busquei aprofundar a compreensão desta atitude consubstanciada no que diz Castells:

No que diz respeito a atores sociais entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre fontes de significado. (Castells, 2001, p.33).

Com esta concepção, ficou mais nítido perceber que a construção da identidade do catador é revestida de componentes que contribuem para a depreciação, estigmatização de sua tarefa, fazendo, assim, com que se crie um submundo de explorações, mas que não se constitui como bandeira de indignações e/ou reivindicações acerca do desrespeito ao seu trabalho; o que se observa é que

há uma submissão e aceitação do vínculo e da dominação existente, parecendo ser a única forma de existência do trabalho de catação.

Contracenando neste cenário, identificam-se dois coadjuvantes importantes e propulsores do processo de submissão, os sucateiros e o livre comércio na via principal do Aterro.

O primeiro segmento – os sucateiros - constitui-se como o maior grupo de ascendência sobre os catadores, tendo em vista que se mostram protetores, emprestando dinheiro em troca de material, e o catador dificilmente consegue se desincumbir do compromisso assumido anteriormente, até porque compram o material a preços muito baixos sob diversas justificativas e vendem a preço de mercado às indústrias. Portanto, o valor do empréstimo “nunca” termina, pois torna-se uma grande “bola de neve” em função da dependência existente entre o capital e o trabalho.

O segundo segmento se estabelece na via principal do Aterro, através de várias biroscas, barracas e até botequim de médio porte que sobrevivem exclusivamente em função da presença do catador, já que servem alimentação e, principalmente, bebida alcoólica e cigarros, e mais uma vez ocorre o empenho do dia trabalhado ao dono do estabelecimento, pois o valor gasto diariamente quase sempre ultrapassa a quantia recebida por dia.

Estes fatos permitem concluir que a atividade de catação, aliada à realidade do catador, é cenário fértil para todo este elenco de coadjuvantes erguer seu poder e manipular a força produtiva existente no processo de reciclagem de material (lixo), que é viabilizadora do enriquecimento de alguns e da pauperização de muitos. Portanto, não há interesse que esta população seja esclarecida de seus direitos e passe a exercer sua atividade como expressão da vida e não como meio de morte.

Remetendo esta análise às possibilidades de soluções, penso que uma das alternativas de reversão deste quadro será a perspectiva de construir uma identidade, capaz de garantir ao catador um reconhecimento como profissional responsável pelo acionamento da cadeia de produção



Aterro de Gramacho: fotos de Valéria Pereira Bastos

de reciclagem e, portanto, ator deste cenário mais amplo.

Para tanto, faz-se necessária a sua inclusão no processo de identidade de projeto, a partir do que conceitua Castells:

Quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (Castells, 2001, p.24).

Com este sentimento, acredito ser possível investir na construção da identidade de projetos, na qual os catadores construirão uma rede de relações no contexto da sociedade, capaz de reverter o estigma de seu vínculo com aquilo que a humanidade repudia – o lixo, bem como poderão se lançar como mais um elo na cadeia produtiva industrial, rompendo com a dominação existente dos sucateiros, bem como com o lócus que eles entendem ser o único da sua relação de trabalho: biroskas e bares da via principal do Aterro.

Mas mesmo diante deste quadro, considero que uma das alternativas encontradas para garantir este processo na prática social que vem se desenvolvendo no Aterro, seja a organização dos catadores sob a orientação cooperativista, pelo fato de garantir a representatividade através de um coletivo que os inclui como atores protagonistas na trama de relações sociais estabelecidas na sociedade atual.

Catador: herói ou sobrevivente da perversa forma de trabalho?

Para responder esta indagação, remeto o pensamento as três idéias colocadas por Paugam para associar o conceito de exclusão:

A noção de trajetória, ou seja, de que há um processo que deve ser visto longitudinalmente, o que permite apreender o percurso temporal de indivíduos em confronto com o ambiente mais ou menos permeável; em segundo lugar, o conceito de identidade, positiva ou negativa, de crise e de construção dessa identidade; e

o aspecto da territorialidade, ou seja, a base espacial que abriga processos excludentes, incluindo a segregação. (Paugam, 2003, p.15).

As idéias colocadas ajudam a pensar a questão do catador enquanto pessoa que desenvolve sua atividade profissional em área insalubre, penosa e perigosa, além de exposta a avaliações que os comparam a todo tempo aos Abutres e/ou concorrentes destes, pois vivem daquilo que as pessoas rejeitam e, portanto, não os consideram dignos da convivência comunitária, os colocando a margem das ações públicas, dos acessos a bens e serviços, construindo uma identidade negativa e delimitada pelo território das exclusões.

Ao pontuar a questão do território, quero elucidar que me apoio no que Dirce Koga apresenta:

O território também representa o chão do exercício da cidadania, pois cidadania significa vida ativa no território, onde se concretizam as relações sociais, as relações de vizinhança e solidariedade, as relações de poder. É no território que as desigualdades sociais tornam-se evidentes entre os cidadãos, as condições de vida entre moradores de uma mesma cidade mostram-se diferenciadas, a presença/ausência dos serviços públicos se faz sentir e a qualidade destes mesmos serviços apresentam-se desiguais. (Koga, 2003, p.33)

Consubstanciada nos vários posicionamentos, arrisco responder se o catador é herói ou sobrevivente da perversa forma de trabalho?

Penso que seja herói, pois, no Aterro Metropolitano, o catador comparece faça sol ou chuva na frente de serviço, para de carreta em carreta encher seus recipientes de material potencialmente reciclável (papel, papelão, pet, plásticos em geral) e, ao término do dia, carrega os caminhões de depósito com a mercadoria, após pesá-la, receberá ou não pelo serviço, uma vez que quase sempre esta comprometido com o sucateiro, fazendo assim com que não tenha o que receber. No entanto não se desespera, retorna às vezes para a frente de serviço para recuperar o dia, apesar do cansaço ainda se

mostra sorridente, disposto e pronto inclusive a participar de eventos para o entretenimento, desta forma entendo que mesmo diante das dificuldades vivenciadas no dia-a-dia este SER, além de sobreviver transforma este processo em ato heróico.

É neste território que se desenvolvem as ações junto aos catadores, visto que estão cercados por um universo de impedimentos, que por mais que haja empenho para sua inclusão, a falência das políticas públicas e o sucateamento dos serviços vêm inviabilizando a intervenção mais contundente.

Mas mesmo assim, vislumbra-se sua inserção através do coletivo que vem sendo construído pela via cooperativista, que já abriga cerca de 10% do contingente de catadores identificados pelo trabalho social desenvolvido junto aos catadores no Aterro.

Acredita-se que esta prática social tem possibilitado o acesso deste 10% aos Fóruns de debates sobre vários temas ambientais, às Redes de catadores independentes, aos cursos voltados para capacitação, tanto na área ambiental como em diversas áreas, e ainda viabilizando a abertura do território de exclusão para o de inclusão em alguns bens e serviços necessários.

Mas este empreendimento significa apenas uma parca contribuição do trabalho social que vem sendo desenvolvido, pois grande parte dos catadores ainda permanece fora do processo de organização, ficando a mercê da sorte e agradecendo o "lixo" de cada dia, por ser o único responsável pela sua sobrevivência.

Considerações finais

A tentativa de descrever a prática social junto aos catadores de lixo e com isto levantar pontos de reflexões para contribuir na construção de um novo perfil para estes profissionais, ao meu ver não esgota o polzímico e vasto campo em que se situa a cultura da catação e as questões sociais advindas dessa realidade, mas acredito ter contribuído como mais uma fonte de subsídios para os profissionais repensarem suas práticas e para auxiliar os que intencionam ingressar na área de meio ambiente para intervenções

com catadores.

Intencionei apontar que o grande desafio se constitui na própria dificuldade inerente ao ser humano de romper com a identidade negativa que por vezes criam de suas ações e agregar novos valores geradores de mudanças culturais, políticas e sócio-educacionais, capazes de inverter o quadro de desqualificação que os colocam, criando novos requisitos para o perfil profissional.

Aliado a tais componentes, não se pode esquecer a política neoliberal adotada no Brasil, onde estão presentes a falência e o sucateamento dos serviços, tornando-se o primeiro inviabilizador de ações, principalmente na área humana e social, somado ao desemprego, aos baixos salários entre outras injustiças sociais presentes.

Neste sentido, os limites assumem maiores proporções do que as possibilidades, na medida em que o ator principal não está suficientemente fortalecido para construir a identidade do coletivo, capaz de romper com os vínculos e dominação e assim vencer os enfrentamentos do mundo da catação.

transformar todos em outras pessoas é algo que esta além de um conjunto de ações públicas e privadas, esta mágica ocorre no processo de autodeterminação de cada SER HUMANO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 2v.p.27-33.

JUNCA, Denise; GONÇALVES, Marilene. P; AZEVEDO, Verônica Gonçalves. **A mão que obra no lixo**. Niterói: EdUFF, 2000. p.50.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo: Cortez. 2003.p.33.

PAUGAM, Serge. **Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza**.

Tradução. Camila Giorgetti, Tereza Lourenço. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.p.15.

NOTAS

1 Aterro Sanitário – Local destinado ao vazamento de resíduos sólidos, sendo devidamente tratado o solo no sentido de garantir o equilíbrio ambiental e sem a presença de pessoas no processo de catação.

2 Cadeia industrial produtiva – Significa o ciclo pelo qual o material inicialmente retirado do Aterro, percorre vários estágios até chegar a indústria e sofrer o processo de reciclagem.



Aterro de Gramacho: fotos de Valéria Pereira Bastos

Não obstante, reconheço que a ação não deve ser solitária, mantendo-se a ilusão que o catador herói sobreviverá às agruras do trabalho. É necessário que se pense a ação sob a via de mão dupla, que oferece oportunidades ao crescimento humano, auxilia no estabelecimento de novos laços familiares e/ou comunitário, construindo uma nova identidade e, portanto, novo perfil profissional.

Contudo, o fetiche de